

Assimilação como libertação? As construções identitárias femininas no romance *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane

Kessya Steicy Batista Silva⁸⁸
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo

O presente trabalho busca comentar a literatura africana de expressão portuguesa focando na literatura moçambicana, a obra escolhida para análise é o romance *O alegre canto da perdiz*, da escritora Paulina Chiziane. Considera-se que a autora trabalha com uma perspectiva social, cultural e identitária em suas obras, principalmente através de personagens femininas. A obra apresenta a história de três mulheres da mesma família de diferentes gerações que tentam sair do círculo vicioso social, ou seja, tentar uma vida melhor do que estão socialmente destinadas, e para isso, o melhor caminho para elas é se casar com um homem branco. Diante disso, o artigo tem como objetivo analisar a construção da identidade dessas mulheres. Além disso, o trabalho busca expor os resquícios do colonialismo através das personagens e do apagamento da cultura africana devido à colonização e ao racismo, assim como também comentar sobre os elementos metafóricos “água” e “nudez” que aparecem no início da obra. Para isso, esse artigo fundamenta-se nos estudos de Bhabha (2013), Cabaço (2007), Fanon (2020), Hall (2011), Kilomba (2019), Memmi (2007), Munanga (1986) e entre outros autores.

Palavras-chave

Feminino. Moçambique. Identidade

E-mail: cristina.silva@ufc.br <https://ppglettras.ufc.br/pt/estrutura-do-programa/%E2%87%94-corpo-docente/cristina-maria-da-silva-permanente/>

⁸⁸ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Introdução

*“Sou das que hibernam de dia, para cantar com os morcegos a
sinfonia da noite, sou feiticeira”.*
(Paulina Chiziane)

O surgimento da literatura e sua popularização se devem, muitas vezes, ao suporte jornalístico, a literatura brasileira também teve sua popularização através dos romances de folhetins, de contos e de crônicas publicados em jornais. Em relação ao assunto estudado neste artigo, a literatura de Moçambique também teve seu advento através dos jornais.

Periódicos como *O Africano*, *O Brado Africano* e *Clamor Africano* foram essenciais para divulgação das ideias anticolonialistas. Autores como José Craveirinha, Noémia de Sousa e Mia Couto são muito citados quando se discute sobre literatura moçambicana.

Para Fonseca e Moreira (2007), o processo de construção da literatura de Moçambique se divide em três fases: a fase colonial, a fase nacional e a fase pós-colonial. Na fase colonial, os precursores foram Rui de Noronha, João Dias, Augusto Conrado e Luís Bernardo Honwana. A produção literária moçambicana tem como uma característica marcante a centralização da temática nos problemas de Moçambique. As obras literárias que trabalharam com esse tema contribuíram expressamente para formar a identidade nacional do país.

Na segunda fase, conhecida como a fase nacional, tem cunho mais político e de combate, além disso teve como escritores militantes da FRELIMO (Frente da Libertação de Moçambique), que foi um movimento anticolonialista que tinha o objetivo a libertação nacional de Moçambique do poder português. Nessa fase destacam-se os autores Marcelino dos Santos, Rui Nogar e Orlando Mendes.

Com essa visão anticolonial e de libertação, diversos escritores publicaram livros com viés mais nacionalista, dessa maneira construíram o que é ser moçambicano no contexto da África e no mundo. A terceira fase, chamada de pós-colonial afasta-se da coletividade criada pela nacionalidade e adere um tom mais individual e intimista para relatar as experiências com o pós-colonial e a modernidade. Os escritores que estão inseridos nessa fase são Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa, Paulina Chiziane e entre outros.

Após esse panorama da literatura africana de língua portuguesa em

Moçambique, a partir dos estudos de Fonseca e Moreira (2007), é preciso destacar a literatura pós-colonial. Para as escritoras, essa fase é marcada mais pela subjetividade do que pela coletividade, ou seja, as narrativas são mais centradas no eu do que em Moçambique. Essa afirmação é bastante discutível visto que se aproxima mais de uma tradição canônica patriarcal, pois associa a escrita feminina à subjetividade, em oposição a preocupações coletivas. O que difere, por exemplo, do romance pós-colonial *O Alegre Canto da Perdiz*, da moçambicana Paulina Chiziane, pois tal obra além de trazer um narrador parcial, que traz seus pensamentos para dentro da história, essa narrativa também busca através dessa narratividade trazer um senso de coletividade ao tratar da identidade das personagens e de Moçambique mais livre das ideias colonialistas.

Diante disso, esse artigo tem como objeto de estudo o romance *O Alegre Canto da Perdiz* da escritora Paulina Chiziane, que tem como objetivo analisar a construção da identidade das personagens Delfina, Maria das Dores e Jacinta, mulheres da mesma família e de gerações distintas que carregam em si o desejo pela libertação e do reconhecimento em sociedade. Dessa maneira, também foi analisado a assimilação e seu papel na realização desses desejos. Além disso, a pesquisa também tem o intuito de discorrer sobre os elementos subversivos que aparecem na obra, como a “nudez” e a “água”.

Para isso, esse artigo fundamenta-se nos estudos Mandarino e Gomberg (2009) para verificar como o elemento da “água” aparece de forma simbólica no livro; de Cabaço (2007), Hall (2011), Bhabha (2013), Kilomba (2019) para analisar os estudos de identidade, colonialismo e libertação; Fanon (2020), Memmi (2007), Munanga (1986) para expor os estudos da literatura negra e do racismo; e entre outros autores.

1 A nudez e o rio como elementos subversivos

O romance *O Alegre Canto da Perdiz*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, foi publicado em 2008 e conta a história da protagonista Delfina, uma prostituta que busca desesperadamente casar-se com um homem branco para buscar sua libertação. A personagem é uma mulher negra sem voz na sociedade e que enfrenta as dificuldades de criar uma família com filhos negros e mestiços.

A narrativa começa relatando a história de Maria das Dores, uma das filhas de Delfina que está nua em um rio se banhando, porém, a imagem nada agrada as

moradoras locais, as quais acreditam que a nudez da personagem é vergonhosa e pode cegar as crianças.

– Mulher, não tens vergonha na cara? Não tens pena das nossas crianças que vão cegar com tua nudez? Não tens medo dos homens? Não sabes que te podem usar e abusar? Oh, mulher, veste lá a tua roupa que a nudez mata e cega! [...] Há mensagens de perigo escondidas nas linhas nuas do corpo. (CHIZIANE, 2018, p. 10-11).

As moradoras de início estranham a imagem daquela mulher tão diferente e de uma sensualidade grande, que ameaçava os bons costumes daquela comunidade. Então, decidiram agredir Maria das Dores, que tenta fugir através do rio: “Ali estava a heroína do dia. Protegida na fortaleza do ruo. Num trono de água. Que venceu um exército de mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens”. (CHIZIANE, 2018, p. 12).

Interessante notar como a palavra *água* e as palavras relacionadas a ela, como *rio*, aparecem de maneira simbólica na narrativa. Como citado anteriormente, Maria das Dores é vista pela primeira tomando banho nua em um rio, após causar confusão com as moradoras por causa da sua nudez, tenta fugir através de mergulhos nas águas, ao regressar ela se questiona sobre o estranhamento das mulheres sobre seu corpo:

[...] Porque sou filha da água. Será que estou nua, mãe? A nudez que elas viam não é minha, é a delas. Dizem que não vejo e enganam-se. Cegas são elas. Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras cobertas de mil peças de roupa como cascas de uma cebola. Com o calor que faz. (CHIZIANE, 2018, p. 13)

A nudez que Maria das Dores menciona não pertence a ela, mas sim às moradoras daquele lugar que enxergam através do seu corpo nu a figura da transgressão do corpo feminino dentro de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. A nudez tem um carácter metafórico nessa passagem, porque estar nua aqui é se despir do machismo e das ideias ocidentais impostas pelo colonialismo, que podem ser atribuídas “as prisioneiras cobertas de mil peças de roupa” mencionado anteriormente no trecho.

“Mas sempre água, o movimento é minha eternidade” (CHIZIANE, 2018, p. 13) com essa passagem e outras discutidas aqui percebe-se a atenção que a autora dá ao vocábulo. É importante ressaltar o quanto a palavra está associada ao sentido de vida e de formação do indivíduo, já que esse é o primeiro elemento que os seres humanos possuem contato na fase embrionária e durante toda a vida.

Para Mandarinó e Gomberg (2009, p. 148) “[...] água e vida, ancestralidade

e descendência se misturam em um contínuo vai e vem de possibilidades, cujo simbolismo encontra-se revelado nas águas límpidas dos rios e córregos”. Esse trecho se relaciona de forma direta com a presença dos elementos *água* e *rio* no romance *O Alegre Canto da Perdiz*, pois o rio não somente simboliza o nascimento como também o passado marcado pelo apagamento de Maria das Dores da vida de sua mãe Delfina “Eu sou Maria das Dores, aquela que ninguém vê”. (CHIZIANE, 2018, p. 14), como uma transformação para um futuro que está por vir na vida da personagem.

Por fim, o primeiro capítulo se encerra com as moradoras daquela região compreendendo os discursos de Maria das Dores e lembrando de suas origens:

Lembrem-se que somos todos filhos do longe, como essa Maria que viram nas margens do rio. Lembrem-se sempre de que a nudez é expressão de pureza, imagem da antiga aurora. Fomos todos esculpido com o barro do Namuli. Barro negro com sangue vermelho. (CHIZIANE, 2018, p. 21)

2 Assimilação como processo de libertação?

Delfina, era uma prostituta, vivia nas ruas de Zambézia vendendo seu corpo para os marinheiros, em busca de um marido branco que pudesse dar para si uma vida que tanto almejou: a vida de uma branca. Porém, esse sonho se interrompe por um tempo, quando conhece José, um homem negro que não poderia oferecer joias, escravos ou dinheiro como um homem branco poderia dar, mas foi o homem por quem se apaixonou: “- Meu Deus, por que é que tinha que te amar a ti? Conheço homens com poder, com dinheiro. Homens de verdade, com nome, sombra e dinheiro no bolso. Mas o meu destino traiu-me, condenado”. (CHIZIANE, 2018, p. 83)

Delfina e José então se casam, porém, percebem que a vida se tornava cada vez mais difícil e sem perspectiva futura, a alimentação era escassa, e ele temia perder sua esposa, já que a vida que ela exigia era muito distante do que ele podia proporcioná-la. José se enfurece e se confronta numa tentativa de entender tudo que se passa “[...] maldita colonização, maldita hora em que nasci negro. Se eu fosse branco, nada me faltaria.” (CHIZIANE, 2018, p. 111). O que se relaciona com que Fanon diz em *Pele Negra, Máscaras Brancas*:

Para ele [o negro], só existe uma porta de saída e ela se abre para o mundo branco. Daí essa preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse anseio de ser poderoso como o branco, essa vontade resoluta de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parcela de ser ou de ter que entra na constituição de um ego. (FANON, 2020, p. 48)

A única porta de saída era para o mundo branco, e isso se faz pela

assimilação, José teria que desistir de sua identidade, cor, nacionalidade e sua cultura para poder ser assimilado pelo colonizador porque “A assimilação era o único caminho para a sobrevivência” (CHIZIANE, 2018, p. 114).

Resistir contra assimilação não era a melhor escolha a se fazer, a colonização fechou todas as portas para as identidades dos moçambicanos, e deixou apenas uma, que era o único caminho para sobrevivência. José não se assimilou antes e era cobrado por isso pela Delfina “Perdias tempo com ideias de resistência, querendo afirmar uma identidade perdida. Uma dignidade de fome. De escravatura. De morte” (CHIZIANE, 2018, p. 117). A identidade perdida que se menciona aqui é a identidade da negritude, desde a chegada dos colonos lutar por sua identidade era uma causa perdida, se afirmar como negro e se impor traz não somente as memórias de escravatura e de morte, como uma falta de perspectiva futura para esse povo, já que as ideias colonialistas não somente estavam com os colonos, como também com os povos originários. De acordo com Kilomba, em Memórias da Plantação:

[...] no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como *branca*. (KILOMBA, 2019, p. 39)

José não sentia prazer em ser um assimilado, apesar da vida dele e de Delfina ter melhorado, o homem só queria o pão para poder sobreviver, para isso buscou refúgio nas trevas para existir, ou seja, buscou ajuda na assimilação. Aceitou eliminar os seus para poder ter direito à vida, porém afirmava que nunca seria igual ao colonizador (CHIZIANE, 2018).

Conforme Memmi (2007, p. 165), “O candidato à assimilação termina, quase sempre, por se cansar do preço exorbitante que precisa pagar, e que continuará pagando indefinidamente. Descobre também com horror todo o sentido de sua tentativa”. Não era fácil para José desistir de sua identidade, o preço que pagou pela assimilação foi caro. Apesar dos elogios que os militares disparavam para José “Ele é um preto bom, um preto fiel, o melhor que já existiu”. (CHIZIANE, 2018, p. 134), ele nunca seria aceito entre os brancos porque para eles “[...] o bom preto é o domesticado” (CHIZIANE, 2018, p. 135).

Para Delfina a mudança de vida tornou-se urgência, porém seu pai que sempre resistiu à assimilação não concordava com a ideia da jovem mulher, “– Que destino procuras tu, Delfina? – Perguntou o pai. – Viver em dois mundos é o mesmo

que viver em dois corpos, não se pode. Tu és negra, jamais serás branca. [...] És negra e ainda por cima mulher. Como podes amar o que jamais será teu?”. (CHIZIANE, 2018, p. 150).

Mesmo com a assimilação, nem Delfina e nem José nunca poderiam viver como os brancos, a cor negra de suas peles já representava um povo, seria como dois corpos em um só, o corpo físico negro e a mentalidade branca. Para Cabaço (2007, p. 165), “[...] a assimilação era uma ideologia, no sentido clássico do termo, pouco preocupada com a essência da “transformação”, acima de tudo funcional à dominação e ao controle do colonizado”. Diante disso, Delfina e José nunca poderiam ser “transformados”, a assimilação não era para eles viverem como brancos, mas para controlá-los.

3 Construções identitárias

No romance a figura da mãe é discutida do início ao fim do livro, a mulher como mãe, a progenitora não somente dos filhos, mas de um povo e de uma nação, toda vida surge do seu ventre “O ventre da mãe é o único ponto de partida para todos os caminhos do mundo” (CHIZIANE, 2018, p.30). Conforme Mandarino e Gomberg (2009, p. 147)

[...] pois todas as Mães (divindades femininas) serão transformadas em rios. Assim, seu poder imenso e, por vezes, até mesmo cruel, é transformado em poder benigno, gerador de vida e de abundância, fartura e prosperidade. Ao transformá-las em rios – Rio Oxum, Rio Oiá, Rio Euá, Rio Oba – de águas límpidas e transparentes, onde se colhe o alimento e se mata a sede, um poder que as tornam auto-suficientes, seres andróginas que carregam dentro de si o Bem e o Mal, e as livrariam de seus aspectos aterradores que as fizeram reconhecidas e temidas (MANDARINO, GOMBERG, 2009, p. 147)

Em outras palavras, a mulher não somente está sendo representada como rios, que tem toda uma conotação simbólica, como também carrega dentro de si o Bem e o Mal, ou seja, carregam o destino de uma nação. Para Chiziane (2013, p. 199)

[...] são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nado-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes. (CHIZIANE, 2013, p. 199)

Verifica-se aqui que a mulher não somente assume um papel de fundadora

de um povo, mas como também a culpada por toda maldade que há no mundo⁸⁹. Essa representação permanece no romance *O Alegre Canto da Perdiz* através, principalmente, das personagens Delfina e Maria das Dores.

Toda obra é atravessada por um discurso colonialista nas falas das personagens e do narrador:

A Zambézia bela, encantada, gritava em orgasmo pleno: vem marinheiro, ama-me, eu te darei um filho. Eu e tu, sempre juntos, criando uma nova raça. Em todo o lado deixaremos marcas do nosso amor. Deixaremos um mulato em cada grão de areia, para celebrarmos a tua passagem por este mundo! (CHIZIANE, 2018, p. 58-59).

Zambézia, que é uma província de Moçambique, aqui é representada como uma mulher bela e sedutora que está à espera do seu homem branco para poder gerar filhos mulatos, o que se assemelha bastante com a personagem Delfina. A protagonista é retratada por José dos Montes como uma deusa que traz nos olhos uma flecha de trovoadas para fulminar o coração dos homens (CHIZIANE, 2018). Assim como a província de Zambézia é bela e está situada próximo ao oceano Índico com os colonos à sua procura, assim também está Delfina com sua beleza em busca de um homem branco para amá-la e salvá-la.

Delfina tinha um desejo que carregava consigo desde seus primeiros anos de vida, ser uma senhora, habitar uma cidade de pedra, possuir escravos, ter um marido branco e filhas mulatas. Tinha um fascínio pela vida dos brancos e pela modernização trazida por eles “[...] terei a grandeza das sinhás e das donas, apesar de preta!” (CHIZIANE, 2018, p. 73). Ela através da criação de sua mãe, Serafina, acreditava que “as mulheres negras que se casam com brancos sobem na vida” (CHIZIANE, 2018, p. 74).

Para Fanon (2020, p. 177) “O negro quer ser como o branco. Para o negro, há um só destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a inquestionável superioridade do branco e todos os seus esforços visam conquistar uma existência branca”. Delfina como mulher e negra dentro de uma sociedade marcada por ascensão do colono e o extermínio do seu povo negro, tinha como única forma de salvação se elevar socialmente e mudar o destino de sua vida através do homem branco.

⁸⁹ O papel do feminino também pode ser visto nos contos *Em Mulher de mim* (2013) e *A Lenda de Namarói* (2012) ambos do escritor Mia Couto. Nas duas histórias têm-se a mulher colocada em um papel de protagonismo, que tem o direito de narrar sua história. No primeiro conto, há uma problematização da identidade e a representação do masculino e do feminino numa construção de androgenia da personagem. No segundo conto, a mulher também se encontra presa a uma figura masculina, apesar de ter o direito de relatar sua história, com isso Mia Couto constrói uma narratividade feminina intimista.

Bhabha (1998, p. 76) afirma que “É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão de papéis”. São esses desejos que Delfina tem para sua vida, que foram ensinados desde a infância por sua mãe Serafina.

A protagonista ao encontrar com José dos Montes apaixonou-se, mas nega o sentimento e o desejo porque com ele não teria os seus sonhos realizados de ter uma família mulata e de ascensão social. Culpabiliza seus pais pelo infortúnio de sua vida, seu pai negou a assimilação e sua mãe que a iniciou no mundo da sensualidade e sexo muito cedo para satisfazer os desejos de um velho branco a troco de um copo de vinho (CHIZIANE, 2018, p.75-77).

Serafina, assim como Delfina, mantém um discurso colonialista “Ser negra é doloroso. Negro não tem deus nem pátria” (CHIZIANE, 2018, p. 78). Não somente nesse trecho, mas durante toda a narrativa, o negro é posto num lugar sem identidade, despojado de sua cultura por causa do colonialismo e de sua nação que se entregava cada vez mais aos moldes de uma sociedade europeia. Para Hall (2006, p. 48), “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”, ou seja, por mais que Delfina e Serafina e entre outros tenham nascido em Moçambique, eles não se sentiam pertencentes, pois a identidade não é algo com que se nasce, mas que se forma e transforma em sociedade. Com Moçambique cada vez mais presa aos moldes coloniais, a construção da identidade nacional era mais difícil, a assimilação era o único meio de se ter uma identidade naquela sociedade.

Delfina antes de se casar com José dos Montes e manter uma vida conjugal com Soares, tinha em sua mente as mesmas dores e dramas de sua filha Maria das Dores, que assim como ela também era negra. A protagonista que tinha como sonho casar-se com um branco e ter filhas mulatas, teve como base para seus discursos, as falas de sua mãe Serafina “Ah, Delfina! Para nós, negras, sonhar é proibido.” (CHIZIANE, 2018, p. 79). Isso está relacionado diretamente à cultura de um povo, o colonialismo dizimou diversas culturas e forçou suas ideias para um povo, isso “[...] influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo” (HALL, 2006, p. 50). Tal ação foi absorvida pelos negros, o que acarretou numa perda de identidade de si, como pode ser visto tanto em Serafina, Delfina, como também em Maria das Dores que questionava o porquê de sua mãe a ter feito tão escura “Por que

não me fizestes com um branco, mãe? Felizes são as mulatas e as brancas, que nasceram com diamantes no corpo” (CHIZIANE, 2018, p. 80).

Quando Delfina quis casar-se com José dos Montes, sua mãe foi totalmente contrária à decisão, já que a filha representava a salvação para sua família “Casar com um preto? Confirmando que o sexo é uma arma de combate em tempo de guerra. Casar com um preto?” (CHIZIANE, 2018, p. 87). Serafina escutou durante toda vida frases desse tipo vindo de marinheiros, que acabaram semeadas na consciência. Conforme Munanga (2009), o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente aos gestos e às palavras que se construiu uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista.

A imposição do sistema colonial trouxe diversas problemáticas, entre elas o desejo de estar no lugar do colonizador, para o negro não havia esperança em ser negro, mesmo que fosse rico, como Serafina menciona “Antes um branco pobre que um preto rico”. (CHIZIANE, 2018, p. 95) A mulher negra tinha uma única função na sociedade: gerar filhos e que fossem de pele clara e do sexo feminino porque era mais fácil um homem branco se relacionar com uma mestiça do que vice-versa, “Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras porque jamais serão deportados” (CHIZIANE, 2018, p. 94). De acordo com Chiziane (2013), as mulheres não podiam sonhar e nem ter desejos, o seu destino era casar e ter filhos.

A perda da identidade não somente acarreta o desaparecimento de si, mas também o aniquilamento de um povo. Renunciar sua cor e nação em busca da liberdade é o que muitos negros faziam. Para Bhabha (1998, p. 77) “a identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”, ou seja, no momento que o negro se identifica como negro ele é levado a seu local de origem e tudo que está permeado nele, é o que acontece quando Serafina diz para Delfina que “Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade” (CHIZIANE, 2018, p. 97). Para a protagonista é mais fácil abdicar de sua cor e de sua raça porque assumir sua identidade é voltar para a miséria instalada em Moçambique, voltar para as ruas vendendo seu corpo, ou seja, afirmar a si mesma é voltar para um lugar de dor.

Contudo, ceder a identidade em busca da aproximação com o branco não era algo fácil. A assimilação, conforme Fanon (2020), é como uma reação ao mundo do branco e ao Ocidente, essa seria a primeira reação do negro. A assimilação tinha como característica o medo do branco, pois era mais fácil para o negro estar do lado do branco do que estar contra, como diz Serafina “Eu tenho medo dos brancos. Eles são

invencíveis. Dominam o fogo, dominam a água por emergirem das profundezas do mar. A nossa bruxaria é da terra, não resiste nem ao fogo nem à água. Por isso me rendo antes que eles me matem” (CHIZIANE, 2018, p. 102), ou seja a resistência não era a melhor opção, a única solução era se render para se salvar.

3.1 Construções identitárias femininas

No romance *O Alegre Canto da Perdiz* percebe-se o desejo de Delfina e José por uma filha:

Que seja uma menina, sim. Prostituta, borboleta do cais, carne dos marinheiros. Que seja sexo à venda, ao grama, ao quilo. Que durma com qualquer branco por causa do sal e do açúcar. Que seja deusa do amor, vaca sagrada. Que seja tudo menos homem. (CHIZIANE, 2018, p. 140).

Ter uma filha era significado de uma possível libertação, pois a mulher poderia seduzir o homem branco e com ele ter um lugar para morar e gerar filhos mestiços, aliviando assim a pele do negro. Segundo Munanga (2009, p. 39), “Outra maneira de embranquecer está naquilo que se costuma chamar de erotismo afetivo. São as relações sexuais entre uma mulher negra ou mestiça e um homem branco, e vice-versa”. Posto isto, a mulher é um modo de salvação para o povo negro, somente ela poderá oferecer a libertação através do embranquecimento.

Com José, Delfina teve dois filhos: Maria das Dores e Zezinho, ambos negros. Após uma das viagens de trabalho do marido, a protagonista se envolve com Soares, um homem branco e rico, o que gera uma criança, quando essa nasce a cor de sua pele era mais clara do que a de Delfina e de José, “O meu estatuto é maior a partir de agora! Mãe de mulata. Comcubina de um branco. Não mais morrerei à míngua, com esta filha que é a minha segurança” (CHIZIANE, 2018, p. 184). Com essa frase, Delfina afirma seu lugar no mundo, ela era mãe de uma mulata, que era sua salvação, porém isso era a infelicidade de José, que foi traído e trocado por um homem branco.

Delfina então procura por um feiticeiro chamado Simba para que esse faça um remédio para que José a esqueça e que Soares se apaixone por ela. Apesar de muita relutância, Simba cede aos desejos da mulher e faz um acordo com ela, faria o que foi solicitado desde que tenha uma casa onde morar, Delfina concorda e logo depois Soares estaria apaixonado por ela.

Depois do feitiço lançado, Delfina procura por Soares, interessante notar na passagem a seguir como a narradora cria uma atmosfera de suspense, além de ser a

primeira menção ao título do livro:

O canto da perdiz numa noite sem lua era mau agouro. [...] Era uma mulher com voz de perdiz, ululando triunfos no miradouro do mundo, dançando nua no ponto mais alto do monte. Espalhando pela atmosfera cheiro de erotismo, de sexo, cheiro de pornografia cafre. (CHIZIANE, 2018, p. 220).

Após conquistar o velho Soares, Delfina sentia-se no mundo branco “Sou preta sim, mas só na pele. Já sou mais do que uma preta, casei com um branco!”. (CHIZIANE, 2018, p. 223). Para Fanon

Todas essas mulheres de cor frenéticas, à procura do branco, à espera. E, certamente, qualquer dia se surpreenderão por não querer mais voltar, pensarão “numa noite maravilhosa, com um amante maravilhoso, um branco”. Talvez também se deem conta algum dia de que “os brancos não se casam com uma mulher negra”. Mas esse risco elas aceitaram correr, pois aquilo de que precisam é a branquidão a qualquer preço. (FANON, 2020, p. 47).

Delfina encontrava-se frenética à procura de seu branco, quando o achou, a sua identidade negra não se fazia mais presente, apesar de sua pele lembrá-la que era negra, a sua vida era a de um branco. Soares ao escutar Delfina, tentava rebater “Um mundo onde pretos e brancos possam viver em harmonia. Um mundo de igualdade para todos” (CHIZIANE, 2018, p. 225). A protagonista então persistia no seu discurso colonial e racista:

Ah, Soares, deves estar enganado. Um preto é um preto, um branco é um branco. Foi Deus que fez o mundo e colocou as coisas assim como estão. E se acontecer essa liberdade de que tanto falas, quem vai lavar o palmar? Quem vai colher o coco? Quem irá lavar em barreira as minhas saias brancas e corá-las ao sol? Quem irá cuidar das minhas hortas? (CHIZIANE, 2018, p. 225)

Sobre isso, Memmi discute sobre como a colonização contribuiu para a formação racista do negro:

Com todo o seu peso, intencionalmente ou não, contribuem [os colonizadores] para perpetuar a opressão colonial. Enfim, se a xenofobia e o racismo consistem em acusar globalmente todo um grupo humano, em condenar a priori qualquer indivíduo desse grupo, atribuindo-lhe um ser e um comportamento irremediavelmente fixos e nocivos, o colonizado é, de fato, xenófobo e racista; ele se tornou assim. (MEMMI, 2007, p. 172).

Delfina teve de sua mãe Serafina uma formação racista, e, provavelmente, gerações anteriores a de sua mãe também tiveram esse tipo de formação. O negro foi forçosamente posto numa engrenagem do sistema colonial, que para poder dar continuidade ao seu funcionamento implantou nos próprios negros a repulsa pela

própria cor. De acordo com Quijano (2005), o colonizado foi forçado a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a perpetuação da dominação, ou seja, Delfina, José e outros personagens da obra foram obrigados pelo sistema colonial a reproduzir o tipo de discurso e cultura do opressor.

A perda de identidade da protagonista já começa desde o berço com sua mãe, mas foi com Soares que Delfina deixou de lado toda negritude “Somos ambos imigrantes, Delfina. Eu, da Europa para esta Zambézia. E tu saindo de dentro de ti para parte nenhuma”. (CHIZIANE, 2018, p. 226). Soares ao dizer isso, afirma que não somente ele é um estrangeiro ali, mas Delfina também, pois ao sair de dentro de si, ou seja, deixar sua negritude e identidade para poder se tornar parte nenhuma, ela não conseguirá encontrar uma identidade definida, sendo preta, ela nunca poderá ser tratada como branca.

Como afirma Bhabha (1998, p. 100), “[...] a estratégia do desejo colonial é representar o drama da identidade no ponto em que o negro *desliza* revelando a pele branca”. Isto é, o colonialismo tem como projeto trazer o drama para as identidades negras ao ponto de que eles revelem os seus desejos de estar na posição do branco, assim como a personagem.

Delfina tratava os filhos com diferença, sempre priorizando os filhos mestiços, Jacinta e Luisinho, esses tinham uma alimentação diferenciada e não tinham tarefas domésticas, enquanto Maria das Dores e Zezinho, frutos do casamento com José eram postos nos afazeres de casa. Da mesma forma que Delfina questionava sua mãe Serafina o porquê de ter nascido negra, seus filhos também a questionavam, já que ansiavam por ter a mesma tonalidade de pele dos seus irmãos mestiços.

Soares acorda do feitiço colocado por Simba e deixa Delfina, os filhos e parte para Lisboa. A mulher então

[...] chora. Por José dos Montes, que a amou até a perdição, a ponto de levá-la ao altar e proclamá-la rainha sobre todas as mulheres. Pelo Soares, que por ela se perdeu a ponto de destruir a família. Morreu minha árvore, a minha sombra, a minha galinha mágica de ovos de ouro”. (CHIZIANE, 2018, p. 235).

A protagonista sem marido, amante e dinheiro, busca por Simba e pede a ele para ajudá-la no negócio de pão, porém o feiticeiro pede por Maria das Dores, para que essa seja sua esposa e justifica:

Para a mulher, estudar não é importante. Porque o amor não precisa de leitura nem escrita. Parir um filho não exige escola. Agarrar um homem rico é uma

questão de tática e não de matemática. Prender o homem na cama é uma questão de magia e sabedoria. Viver bem é uma questão financeira. [...] O mais importante para uma mulher não é um diploma, mas a sorte na vida e a tática de caçar um homem que sirva. (CHIZIANE, 2018, p. 240)

O discurso citado acima é resultado da imposição do sistema de gênero que forma a colonialidade do poder, conforme Lugones (2020). Ainda de acordo com a autora:

Historicamente, a caracterização das mulheres europeias brancas como sexualmente passivas e física e intelectualmente frágeis as colocou em oposição às mulheres colonizadas, não brancas, inclusive as mulheres escravizadas, que, ao contrário, foram caracterizadas ao longo de uma vasta gama de perversão e agressão sexuais e, também, consideradas suficientemente fortes para aguentar qualquer tipo de trabalho. (LUGONES, 2020, p. 74)

Apesar da mulher ser colocada em um papel de inferioridade no colonialismo, a mulher colonizada tem esse papel mais restrito, além de não ter o intelecto para atividades de escrita, por exemplo, ela ainda é vista como perversa e possível de aguentar trabalhos forçados. Tal pensamento vai ao encontro dos estudos de Mirza (1997 apud KILOMBA, 2019, p. 97) “as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que sobrepõe às margens da “raça” e do gênero”. Esse vazio se dá pela falta de lugar da mulher negra, ocupando dessa forma uma espécie de vácuo em que raça e gênero se fundem precisamente em um só.

Delfina decide entregar sua filha, mas promete protegê-la. Quando chama Maria das Dores para sair, essa questiona por que Jacinta não pode ir junto com elas, a mãe apenas responde que o mundo dos brancos tem outros códigos, que não precisam dessa viagem (CHIZIANE, 2018). A filha é entregue a Simba, toda sua juventude se vai embora naquele instante.

A história de vida de Delfina e Maria das Dores são muito parecidas, ambas mulheres negras que têm uma formação colonialista por parte das mães. A protagonista foi “[...] inaugurada por um velho branco a troco de copo de vinho” (CHIZIANE, 2018, p. 75), assim como a filha negra foi moeda de troca para ser esposa de um homem para a mãe poder lucrar com o negócio de pão. Essas relações identitárias são bastante intrínsecas, principalmente por se tratar de mãe e filha, o círculo vicioso permanece na família. Conforme Munanga:

Colocado à margem da história, da qual nunca é sujeito e sempre objeto, o negro acaba perdendo o hábito de qualquer participação ativa, até reclamar. Não desfruta da nacionalidade e cidadania, pois a sua é contestada e sufocada, e o colonizador não estende a sua voz ao colonizado.

Consequentemente, ele perde a esperança de ver o filho torna-se um cidadão.
(MUNANGA, 2009, p. 35)

Com essa identificação tão próxima, as duas personagens acabam não tendo perspectiva futura, a filha acaba seguindo o caminho da mãe por imposição dessa, não há participação delas na sociedade, não há direito a decidir, somente a sobreviver.

Página | 178

Já o caso da outra filha, Jacinta, é diferente. A dramatização da personagem não acontece na mesma esfera da mãe e irmã, sua dor não está no fato do negro querer ser branco, mas na falta de identificação em se achar dentro da sociedade de Moçambique, que tem a maior parte de sua população negra.

Jacinta é mulata, sua mãe sempre a tratou como branca e de forma diferente do restante dos seus outros irmãos, por ter a pele mais clara, ela merece ir à escola, não fazer atividades domésticas etc. Depois de seu pai Soares ir embora, algum tempo depois ela o encontrou na rua, gritou “papai” diversas vezes, mas esse não deu atenção, até que o homem que estava do lado dele perguntou:

- Quem é essa pretinha? O que ela faz aqui?
- O pai corou e respondeu encabulado.
- É filha de uma amiga. Uma africana.
- Que te chama de pai?
- Sim.
- Já sabia, já me tinham dito e fazia ouvidos de mercador. És a vergonha de nossa classe, Soares. (CHIZIANE, 2018, p. 243)

O próprio pai nega a paternidade da filha por vergonha. Outro caso aconteceu quando Jacinta estava passeando com seu avô nas ruelas suburbanas. Um policial branco estanhou e os parou, perguntou se ele havia roubado a criança, o homem informou que se tratava de sua neta, o guarda não acreditou por considerar a criança branca demais para ser neta daquele homem, então o açoita até a morte.

A filha mestiça não entendia sua posição diante daquela sociedade, aprendeu depois sobre raça e soube que os negros eram servos, então pensou que Maria das Dores e Delfina fossem servas de seu pai. Jacinta era excluída das danças de roda por ser branca, não sabia seu lugar no mundo “Diante dos pretos chamavam-lhe branca. [...] Diante dos brancos chamavam-lhe preta”. (CHIZIANE, 2018, p. 245). É sobre isso que Memmi discute “É este o drama do homem produto e vítima da colonização: ele quase nunca consegue coincidir consigo mesmo” (MEMMI, 2007, p. 181). A mestiça não conseguia encontrar em si mesmo uma identidade, o mundo a lembrava de como ela era deslocada naquele ambiente.

Assim como seus irmãos pretos questionavam Delfina acerca da cor de suas

peles, Jacinta também começou a se questionar e “[...] desenvolver uma raiva contra o pai. Que amou uma preta para transformá-la em mulata. Sentia uma raiva contra a mãe. Que não a fez preta como Maria das Dores”. (CHIZIANE, 2018, p. 245-246). Para Kilomba (2019), termos como “mestiço”, “mulato” “cabrito” criam uma hierarquização dentro da negritude, o que fortalece a branquitude como a condição humana ideal, pois estão acima dos seres animalizados da humanidade. Essa colocação de superioridade do mestiço com o preto, é o que influenciou Delfina no tratamento diferenciado que dava para os filhos que teve com Soares.

Após a mãe se sentir culpada pelo que fez com Maria das Dores e encontrar refúgio nas bebidas, a filha mestiça, juntamente com seus irmãos, vai embora de casa. Depois de algum tempo, Jacinta se casa, Delfina aparece no casamento sem ser convidada, a filha ainda culpa a mãe pelo seu deslocamento no mundo “Os pretos e os brancos acusam os mulatos de todos os males do mundo: criminalidade, prostituição, leviandade. Maria Jacinta respira fundo- sou o fruto dos teus conflitos, não me aproximarei de ti, minha mãe” (CHIZIANE, 2018, p. 280). Apesar de ser mais clara do que os seus outros irmãos, Jacinta também sofre com sua condição de mulata, não é respeitada nem pelos brancos e nem pelos pretos.

3.2 Construções identitárias femininas: o processo de reconhecimento da negritude

Diante do abandono do marido, do amante e dos filhos, Delfina se põe a refletir sobre sua condição, que fim levou negar sua cor e identidade, a buscar incessantemente por um homem branco e a miscigenar sua família para buscar uma vida melhor e a libertação. Então compreende tudo que antes não via:

Que só um camaleão muda de cor. Que o negro é sempre negro e deve aprender o orgulho de sê-lo. Começa a perceber as mensagens de resistências nas greves dos palmares. Não se pode ser preto e ser branco ao mesmo tempo. Recorda-se das canções de revolta. A terra era minha e roubaram-ma. O corpo era meu e usaram-no. Esta noiva é minha folha e ma roubam. Ah, se eu fosse mais nova empunharia uma arma e lutaria pela minha dignidade e por tudo que me tiraram. (CHIZIANE, 2018, p. 282)

Delfina encontra sua identidade e assume depois de refletir acerca do espaço, ou a sua falta, já que naquele momento não tinha um lugar definido, nunca pensou seu lugar na sua terra. Além disso, tem a memória que foi um propulsor para sua identificação, já que consigo só restou as memórias de seus filhos e de José que tanto a tratou bem, o que se encaixa nas ideias postas por Marcelino (2016, p. 46), “Além das

relações de poder, ao se tratar da construção da identidade deve-se levar em consideração dois fatores de especial relevância – espaço e memória –, que em geral se apresentam intimamente ligados e integram a construção identitária”.

A busca pela identidade percorre nas três gerações, que tiveram os mesmos caminhos:

Três gerações sonhando com o mesmo monte. Buscando-se eternamente. Estilhaços de um vídeo que se apanham, que se colam e se enformam numa bilha nova, refractária, fraca, que já não pode conter água mas ornamenta o centro de uma mesa buscando a identidade roubada pelo bico de um abutre. (CHIZIANE, 2018, p. 307)

A incessante busca de Delfina, a fez encontrar depois de anos Maria das Dores, assim como José. O reencontro é marcado pela saudade de mãe e filha:

- Andei perdida nos caminhos do mundo, minha mãe.
- Tu não perdeste, mas te encontraste. Eu é que te perdi, porque te expulsei deste mundo. Impus-te fardos que não suportaste. Partiste para o espaço e para dentro de ti. Deixaste o teu lugar entre os humanos e ganhaste a leveza da brisa. És de nós a mais livre, a mais próxima da criação. Ou do criador. Não temias a morte nem a noite. Nos dias quentes te despias e caminhava nua na inocência das crianças. Tentaste explicar o teu dilema e o fazias na linguagem dos anjos, por isso o mundo não te entendia. Sorrias para o alto, no canto dos pássaros, porque voavas. O teu percurso era o íntimo e a lua. (CHIZIANE, 2018, p. 317)

Os diálogos nesse momento do livro são muito importantes, principalmente, entre Delfina e José que entendem o papel de suas escolhas não somente no destino deles, mas como também de seus filhos. José argumenta de como o colonialismo foi destrutivo na identidade de Zambézia e de seu povo.

O colonialismo [...] já não precisa de chicote nem da espada, e hoje se veste de cruz e silêncio. Impregnou-se na pele e nos cabelos das mulheres, assíduas procuradoras de clareza epidérmica, na imitação de uma raça. As bocas das mães negras expelem raivas contra o destino e perdem a melhor energia na fútil reprodução de um deus perfeito. [...] O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher. Vive no útero das mulheres, nas trompas das mulheres e o sexo delas se transformou em ratoeira para o homem branco. (CHIZIANE, 2018, p. 330-331)

O discurso de José acima foi algo construído, a sua identidade foi um processo formativo que levou anos e para Delfina também, assim como Hall esclarece sobre a identidade não ser algo inato e sim um processo em formação:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38)

Conclusão

O romance *O Alegre Canto da Perdiz* compõe diversas temáticas em sua obra, como a colonização, o papel da mulher, e suas simbologias. As mulheres do romance passam por trajetórias semelhantes, exceto por Jacinta que traz em si uma dramaticidade diferente ao se encontrar como mulata em dois mundos: o do branco e o do preto.

Delfina perde seus filhos para a colonização, mas encontra sua redenção quando está sozinha, quando sobra apenas a sua terra, Moçambique, conforme Chiziane em sua entrevista à Santos (2018, p. 6) “[...], a questão de Delfina é uma questão econômica e de sobrevivência”. A protagonista toma as decisões no livro baseadas na luta pela sobrevivência.

Maria das Dores é o resultado das decisões de sua mãe, assim como Delfina foi o resultado de sua mãe Serafina, ambas com trajetórias semelhantes, porém não foi permitido à Maria das Dores a chance de viver com seus filhos ou uma possível escolha, essa foi tirada pela colonização e por sua mãe, que é a construção daquilo que o sistema colonial queria para poder manter sua reprodução. A filha negra, apesar de privada de sua vida, que foi tomada por homens e sua mãe, ela de todas foi a mais livre, pois não temia a morte e nem a noite, tinha em si a inocência das crianças, sua libertação se dá intimamente. (CHIZIANE, 2018)

Jacinta, de todas era a mais perdida quando se tratava de sua identidade, como afirmar uma identidade que não parece se encaixar em nenhum lugar? No mundo dos brancos, ela era negra, no mundo dos negros, ela era branca. Conforme Chiziane (SANTOS, 2018), o sentimento do mulato é diferente do negro ou do branco. O mulato está numa situação sempre confortável, mas ao mesmo tempo, incômoda, ou seja, a falta de oportunidades ou o preconceito não seria tão presente na vida do mulato quanto na vida do negro, mas apesar da situação cômoda, esse não se sentiria pertencente a algo.

De acordo com Kaczorowski (2017), o curso que as personagens fazem durante o romance permite verificar como a colonização oprimiu e destituiu os colonizados de sua cultura. A tensão que o colonizado passa a ser submetido todos os dias adentra do mais profundo do seu ser, e ao negar sua condição humana e a sua identidade, expõe a violência simbólica, resultado da colonização. Ainda de acordo com a autora “A construção de uma identidade própria, que diferencie o colonizado do colonizador nesse contexto, reveste-se da maior importância”. (KACZOROWSKI,

2017, p. 234) A construção da identidade é essencial para que o colonizado saia das engrenagens do sistema colonial e possa nisso buscar aquilo que lhe foi roubado.

De acordo com Chiziane (SANTOS, 2018), a literatura é testemunhal, ou seja, os escritores são espécie de testemunha da sociedade e põe no papel os seus sentimentos e daqueles com quem convivem. Isso pode ser confirmado pelo que a própria autora diz ao ser questionada em entrevista sobre a existência de mulheres como a Delfina em Moçambique “Sim sim” [...] as mulheres se esforçavam por ter um filho assim [mulato]. De que vale um ter um filho preto para ser morto, para ser levado para nunca mais voltar? É melhor fazer um filho com branco e pronto!” (SANTOS, 2018, p. 6). A literatura testemunhal é o tipo de literatura de Paulina Chiziane, uma literatura em que não somente a escritora consiga trazer os seus sentimentos e daqueles com quem convive, mas também como meio de resistência à opressão colonial, como afirma Kaczorowski:

A escrita passa, então, a ser elemento de construção de sentido, mas não seria possível que este processo fosse conduzido de modo impassível. A adesão a este elemento estruturante de outro universo cultural só poderia se dar enquanto resistência; o uso da língua portuguesa só se justificaria se esta fosse utilizada como “despojo de guerra” (KACZOROWSKI, 2017, p. 242).

Uma das últimas passagens da obra traz um olhar esperançoso para a humanidade “Nas próximas gerações as raças se amarão, sem ódio nem raivas, inspiradas no nosso exemplo. [...] Os pretos, os brancos e seus mulatos deverão expurgar ódios, raivas e ressentimentos que ainda restem”. (CHIZIANE, 2018, p. 332). Com essa passagem, Chiziane deixa o leitor, mais otimista por um possível fim das ideias colonialistas.

Esse trecho dialoga diretamente com que Munanga (2009, p. 56) diz em sua obra “Negritude – usos e sentido”, “[...] o negro não quer isolar-se do resto do mundo. A questão é contribuir para a construção de uma nova sociedade, onde todos os mortais poderão encontrar seu lugar”. A negritude e afirmação dessa identidade luta para trazer uma nova sociedade, em que todos possam encontrar sua identidade, o seu lugar no mundo, em que o preto possa viver em paz com sua negritude e o branco seja destituído de todo tipo de preconceito e o mestiço saiba seu lugar na sociedade. Dessa maneira, a condição colonial pode ser quebrada (MEMMI, 2007).

Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CABAÇO, José L. de O. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. 2007. 474 f. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo**. *Revista Abril*, Niterói, v. 5, n. 10, p. 199-205, Abril, 2013.
- _____. **O alegre canto da perdiz**. Porto Alegre: Dublinense, 2018
- COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FONSECA, M.N.S e MOREIRA, T.T. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. *Cadernos CESPUC de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, Set. 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.
- KACZOROWSKI, Jacqueline; PEREIRA, M.P.T et al. (orgs.). **Identidades culturais: reinvenção e resistência**. Macapá: UNIFAP, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- LUGONES, María; HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- MANDARINO, A.C e GOMBERG, E. **Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências**. *Textos de história*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 143- 162, 2009.
- MARCELINO, Jaqueline L. L. **Mulheres negras: tradições orais, artes, ofícios e identidades**. 2016. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9174>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude, Usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo e América Latina**. In: Edgard Lander (org.), *Colonialidad del saber, eurocentrismo y Ciencias sociales*. Buenos Aires: Clacso-Unesco, 2000. p. 201 -246.

SANTOS, Tiago. **Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-11, Agosto, 2018.

ASSIMILATION AS LIBERATION: FEMININE IDENTITY
CONSTRUCTIONS IN THE NOVEL O ALEGRE CANTO DA PERDIZ
(2008), BY PAULINA CHIZIANE

Abstract

The present work seeks to comment on African literature of Portuguese expression focusing on Mozambican literature, the work chosen for analysis is the novel *O alegre canto da perdiz*, by writer Paulina Chiziane. It is considered that the author works with a social, cultural and identity perspective in her works, mainly through female characters. The work presents the story of three women from the same family of different generations who try to get out of the vicious social circle, that is, try to live a better life than they are socially destined, and for that, the best way for them is to marry white man. Therefore, the article aims to analyze the construction of the identity of these women. Beyond that, the work seeks to expose the remnants of colonialism through the characters and the erasure of African culture due to colonization and racism, as well as commenting on the metaphorical elements "water" and "nudity" that appear at the beginning of the book. For this, this article is based on studies to Bhabha (2013), Cabaço (2007), Fanon (2020), Hall (2011), Kilomba (2019), Memmi (2007), Munanga (1986) and among other authors.

Keywords

Feminine. Mozambique. Identify

Recebido em: 03/03/2022

Aprovado em: 08/04/2022